

ALICE MENDONÇA  
(org)



# O FUTURO DA ESCOLA PÚBLICA

1ª Edição 2013

  
UNIVERSIDADE da MADEIRA  
[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

**CIE-UMa**  
Centro de Investigação em Educação  
[www.uma.pt/cie-uma](http://www.uma.pt/cie-uma)



ALICE MENDONÇA (Org.)

# **O Futuro da Escola Pública**

**Título**

O Futuro da Escola Pública

**Organizador**

Alice Mendonça

**Edição**

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa

**Design Gráfico**

Énio Freitas

**Impressão e Acabamento**

João Duarte, Unipessoal, Lda

**Tiragem**

200 Exemplares

**ISBN**

978-989-97490-4-7

**Depósito Legal**

368947/13

© CIE-UMa 2013

[www.uma.pt/cie-uma](http://www.uma.pt/cie-uma)

The logo for FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) consists of the letters 'FCT' in a bold, green, sans-serif font.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

PEST-OE/CED/UI4083/2011

---

## CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA – QUE IMPORTÂNCIA PARA O FUTURO DA ESCOLA PÚBLICA?

---

**Joana Simões**

**Catarina Fernando**

**Helder Lopes**

Universidade da Madeira

### INTRODUÇÃO

Assumindo que a educação visa promover o desenvolvimento do indivíduo, é necessário que exista uma coerência entre os objetivos visados e o que pretendemos estimular.

Com este trabalho procuramos dar um contributo para compreender o que é a criatividade e como a mesma é desenvolvida e avaliada nas nossas escolas, visto esta se encontrar contemplada nos programas de Educação Física.

Encontram-se explicitos na Lei de Bases do Sistema Educativo, (artigos 7.º e 8.º da Lei n.º 46/86), os objetivos para o ensino, sendo eles, *“assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.”*

A criatividade é uma das competências a desenvolver apontada nesta lei, mas muitas das vezes a operacionalização desta competência parece ser encarada de uma forma descontextualizada.

Fernando, Lopes, Vicente & Prudente (2010:25), afirmam que a educação deve ser “pensada como um despertar para o conhecimento e o domínio de metodologias de estudo e trabalho e não como a aquisição de informação normalmente já desatualizada”.

A educação deve ir ao encontro dos meios adequados para se efetivarem as mudanças que favoreçam o desenvolvimento integral do Homem e da sociedade.

Assim, consideram que a função do professor deve ser a de preparar e orientar um processo em que é necessária uma permanente adaptação, sem que se perca um sentido evolutivo ou uma análise crítica dos processos, de modo a dar respostas adequadas e ajustadas em tempo útil.

Deste modo procuramos compreender e analisar as diferentes abordagens da criatividade, a sua origem, como pode ser avaliada, de modo a saber o que é feito, conhecer a pertinência dos métodos utilizados, saber o que se pretende atingir, nunca esquecendo que todos os atos têm consequências.

Com este trabalho temos como objetivo, compreender e analisar a criatividade em geral, e na Educação Física em particular.

Analisar a criatividade, ao nível da sua evolução, abordagem, teoria, definição e possibilidade de avaliação, constitui uma tentativa de compreender o seu enquadramento ao nível da Educação Física.

## **METODOLOGIA**

Tendo por base o atrás referido, a metodologia que nos propomos seguir para alcançar os objetivos definidos é a seguinte:

1. Realização de pesquisa bibliográfica acerca do tema do estudo, de modo a compreender e analisar a criatividade em vários níveis: evolução, definição, abordagem, teoria, definição e propostas para a sua avaliação;
  - a) Apresentaremos uma visão global de cada um dos enfoques supramencionados, para assim podermos identificar os aspectos que eventualmente possam ser bloqueantes e/ou geradores de problemas.
2. Após a explanação destes aspectos, faremos uma reflexão acerca da criatividade no processo educativo ao nível da Educação Física.

## **EVOLUÇÃO HISTÓRICA**

O tema da *criatividade* é abordado em diferentes áreas, o que lhe confere um carácter interdisciplinar, ajustando-se aos objetivos mais diversificados.

Porém, o seu conceito parece remontar à antiguidade onde se associava à loucura com que habitualmente se qualificavam os génios. Já no século XVIII, a capacidade criativa foi associada à imaginação e passou a utilizar-se para qualificar os seres capazes de criar algo diferenciado dos demais, de ter um dom.

No século XIX, a criatividade começa a ser estudada pela psicologia, que associava a criação artística a um estado psicótico.

Posteriormente apresentaremos de forma sucinta as diferentes abordagens e teorias e a avaliação que pode ser realizada sobre a criatividade.

## **DEFINIÇÕES**

Existem diferentes formas de definir a criatividade. Assim, segundo Stein (1974) citado por Alencar (1995:149), a "criatividade é o processo que resulta em um produto novo, que é aceite como útil, e/ou satisfatório por um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo".

Porém, "criar livremente não significa poder fazer tudo e qualquer coisa a qualquer momento, em quaisquer circunstâncias e de qualquer maneira. Vemos o ser livre como uma condição estruturada e altamente seletiva, como condição sempre vinculada a uma intencionalidade presente, embora talvez inconsciente, e a valores a um tempo individuais e sociais. Ao se criar, define-se algo até então desconhecido. Interligam-se aspectos múltiplos e talvez divergentes entre si que a uma nova síntese se integram" (Saunders, 1984:19).

A definição de Torrance (1965:16), pressupõe um entendimento mais estruturado do conceito, onde a "criatividade é o processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento, desarmonia; identificar a dificuldade, buscar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; testar e retestar estas hipóteses; e, finalmente, comunicar os resultados".

Muitos estudiosos se têm dedicado ao estudo da criatividade, conferindo-lhe diferentes concepções; nomeadamente em abordagens cognitivistas ou ainda na ótica da capacidade de encontrar solução para os problemas.

De facto, "a definição de criatividade depende de quem a exponha. Com frequência, os pesquisadores são algo limitados em suas explanações, enunciando que a criatividade significa flexibilidade do raciocínio ou fluência de ideias; ou também pode ser a capacidade de transmitir novas ideias ou de ver as coisas em novas relações; em alguns casos a criatividade é definida como a capacidade de pensar de forma diferente das outras pessoas" (Lowenfeld, 1970: 62).

Muitas das definições encontradas, associam a criatividade à capacidade de inovação, o que parece ser um pouco limitado, pois parece-nos que criatividade engloba um processo mais amplo do pensamento.

Os estudos de Torrance (1976) diferenciam o conceito de criatividade do conceito de inteligência. Assim, às crianças altamente criativas (identificadas por testes de pensamento criativo) não corresponde necessariamente um valor que as posiciona como altamente inteligentes (identificadas pelo Stanford-Binet).

Por seu turno, Sternberg (1985) fez um estudo com intuito de identificar a opinião e as crenças dos sujeitos acerca da criatividade. Daqui emergiram as seguintes características imputadas aos indivíduos criativos:

- Ausência de convencionalismos (ter o espírito livre, ser pouco ortodoxo);
- Integração (ser capaz de integrar informações distintas, de relacionar ideias díspares ou teorias não relacionadas);
- Gosto estético e Imaginação (apreciar as expressões artísticas, escrever, compor músicas, pintar, ter "bom gosto");
- Flexibilidade e Decisão (ser capaz de tomar decisões depois de avaliar prós e contras, capacidade de mudar de direção);
- Perspicácia (saber estar, conhecer as normas sociais de relação);

- Motivação e Interesse pelo reconhecimento dos outros (ser enérgico, querer que os outros reconheçam a obra, ter objetivos claros).

Tendo em consideração outros conceitos de criatividade, Novais (1977: 19) cita Guilford quando afirma que num sentido restrito, a criatividade "(...) diz respeito às habilidades, que são características dos indivíduos criadores, como fluência, flexibilidade, originalidade e pensamento divergente, relacionando o processo aos fatores e variáveis isoladas e avaliadas". E destaca Rogers que enfatiza o campo da criatividade "[...] reforçando a tese da auto-realização, motivada pela premência do indivíduo de se realizar, de exprimir [...]" "Assim, [...] uma pessoa é criativa na medida em que realiza suas potencialidades como ser humano" (idem: 24).

Já para Amabile (1983: 25) a criatividade exige alguns critérios para ser considerada como tal. Assim, "um produto ou resposta serão julgados como criativos na extensão em que a) são novos e apropriados, úteis ou de valor para uma tarefa e b) a tarefa é heurística e não algorítmica".

Deste modo, a criatividade é " [...] algo impossível de definir, descrever ou ser copiada, pois os actos criativos não obedecem aos critérios da frequência e previsibilidade tão caros a todas as ciências que pretendem ultrapassar o estádio de descrição dos fenómenos para o de explicação dos mesmos" (Bahia, 2005: 334).

Contudo, numa perspectiva funcional para que a criatividade possa ser rentável em termos formativos e potencie as capacidades do indivíduo não pode ser desprovida da intencionalidade que um objetivo lhe confere. Nesta perspectiva, ser criativo será ser capaz de equacionar diferentes soluções para cumprir um objetivo.

## TEORIAS/ABORDAGENS

No que se refere à criatividade parecem existir duas abordagens principais, uma numa vertente mais psicanalítica e outra numa vertente mais psicométrica.

Dentro destas abordagens são referidas diferentes teorias, que de uma forma sucinta passaremos a enumerar.

Guilford (referido por Kneller, 1973), concebe uma teoria da psicologia da criatividade que se distingue das restantes, pois separa as capacidades do pensamento em categorias (a capacidade da memória e a capacidade do pensamento). A capacidade de pensamento subdivide-se em capacidades cognitivas onde a capacidade produtiva é a responsável pelo pensamento convergente e pelo divergente.

Segundo Guilford (citado por Kneller, 1973: 53):

"[...] as capacidades produtivas são de duas espécies, convergentes e divergentes. A primeira é acionada pelo pensamento que se move em direção de uma resposta determinada ou convencional. A segunda, pelo pensamento que se move em várias direções em busca de uma dada resposta. Podemos concluir, pois, que o pensamento convergente ocorre onde se oferece o problema, onde há um método padrão para resolvê-lo,

conhecido do pensador, e onde se pode garantir uma solução dentro de um número finito de passos. O pensamento divergente tende a ocorrer onde o problema ainda está por descobrir e onde não existe ainda meio assentado de resolvê-lo. O pensamento convergente implica uma única solução correta, ao passo que o divergente pode produzir uma gama de soluções apropriadas".

Relativamente ao pensamento convergente, é considerado como aquele que é utilizado quando "implica uma única solução correta" para o problema enquanto o *pensamento divergente*, assume-se como aquele que é capaz de produzir "uma gama de soluções apropriadas". O pensamento divergente seria responsável pelas soluções, "onde o problema está por ser descoberto e onde, ainda, não existe meio conhecido de resolvê-lo" (ibidem).

Para Skinner (1970) a criatividade pode ser explicada através dos seus determinantes, da história de contingências e da história genética do organismo. A mente é considerada susceptível de fazer aquilo que o corpo não é capaz.

Numa perspetiva mais psicanalítica, Alencar (1995:17) diz-nos que "através de uma análise do comportamento de pessoas que deram contribuições criativas, constatou-se que as grandes ideias ou produtos originais ocorrem especialmente em pessoas que estejam adequadamente preparadas, com amplo domínio dos conhecimentos relativos a uma determinada área ou das técnicas já existentes."

A mesma autora refere duas fases para a criatividade: - a *inspiração*, considerada mais importante e que requer o abandono do pensamento lógico-racional; - a *elaboração*, caracterizada pela avaliação lógica e rigorosa.

A teoria humanista, ao protestar contra as imagens limitadas do homem defendidas pela psicanálise e behaviorismo, dá ênfase ao valor intrínseco do indivíduo; tornar-se e auto-realizar-se, explorando as diferenças, os talentos diversos de cada ser. Assim, entende-se que "[...] o processo criativo como a emergência de um novo produto racional, que surge da singularidade do indivíduo, de um lado, e dos materiais, acontecimentos ou circunstâncias de sua vida, de outro lado. O que constitui a essência da criatividade para ele é a originalidade ou singularidade." (Rogers, citado por Alencar, 1995: 54).

Outra abordagem humanista, pressupõe uma distinção entre *criatividade primária*, *secundária* e *integrativa*. A primária corresponde à fase de inspiração que ocorre espontaneamente. A secundária baseia-se no trabalho sistemático e conhecimento acumulados enquanto a criatividade integrativa compreende as duas anteriores.

Alencar (2007) refere-nos ainda algumas concepções de processo criativo, tendo por base autores como Poincaré, Helmholtz, Wallas, Smirnov e Leontiev, que estabelecem fases ou estágios para o processo criativo. Estes identificam três fases. Na primeira (*preparação* ou *saturação*), são reunidos atos e sensações, e o problema é investigado em todas as direções. Na segunda, (*iluminação*, *incubação* ou *investigação*), efetua-se a maturação do problema, momento da realização de novas

combinações enquanto a terceira (*verificação, iluminação ou solução*) é identificada como uma fase de verificação da proposta.

"O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar" (Alencar, 1995: 9). Considera que "formar importa em transformar. Todo o processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação" (idem: 51).

Tendo por base estas perspectivas acerca da criatividade, verificamos que nenhum autor a aborda no âmbito da Educação Física. Porém, podemos dizer que nos encontramos em consonância com as duas abordagens, sendo que pode ser entendida numa perspectiva psicanalítica, mais humanista ou então psicométrica.

## **AVALIAÇÃO**

As propostas encontradas para a avaliação da criatividade parecem-nos muito parcelares e redutoras.

Torrance (1976), baseou os seus estudos em testes de medida e avaliações sobre o potencial criativo, realizando testes de QI, onde verificou diferenças entre a capacidade criativa e o nível de inteligência de algumas crianças.

O teste de pensamento criativo de Torrance (TPCT) é uma bateria de testes figurativos e verbais construídos para avaliar o pensamento criativo, tendo como base inicial os testes de criatividade desenvolvidos por Guilford, sobretudo ao nível do pensamento divergente (Cropley, 1997; Piirto, 1998; Sternberg & O'Hara, 1999).

O TPCT é constituído por dez atividades, sete verbais e três figurativas, em duas formas paralelas; A e B. Nas atividades verbais os sujeitos dão a resposta por escrito e na componente figurativa os sujeitos devem completar desenhos. Os critérios de cotação inicialmente propostos por Torrance foram baseados nos trabalhos de Guilford sobre a criatividade, considerando assim a fluência, a flexibilidade, a originalidade e a elaboração (Torrance & Safter, 1999). Mais tarde foram também introduzidos indicadores emocionais na avaliação da criatividade (expressão de emoção, fantasia, movimento, perspectiva incomum, perspectiva interna, uso de contexto, combinações, extensão de limites, títulos expressivos e analogias/metáforas), possuindo atualmente uma componente cognitiva e outra emocional (Nakano, 2006; Torrance & Safter, 1999; Wechsler, 2002).

A avaliação qualitativa da criatividade tem sido realizada através da análise das biografias, observações ou entrevistas livres. "*A importância deste tipo de abordagem como uma etapa geradora de hipóteses sobre a pessoa, o processo e o produto criativo foi enfatizada por Yau (1995), ao revisar estudos que utilizaram esta abordagem*" (Wechsler, 1998: 4).

A bateria de testes para a avaliação multidimensional da criatividade (aspectos cognitivos e afectivos) é constituída por quatro instrumentos, dois internacionais e dois nacionais. "*A forma de avaliar a criatividade por esta bateria, refere-se aos aspectos de sentir e de se comportar como pessoa criativa, como também à expressão*

*da criatividade em duas áreas específicas, a saber, a criatividade expressa em palavras e em desenhos. Outras formas de se avaliar a criatividade ainda pretendem ser investigadas, [...] como por exemplo, a criatividade corporal, musical, ambiental, etc, já tendo sido desenvolvidos alguns estudos iniciais neste sentido, por meio de teses e dissertações, entre nossos orientados".* Wechsler (1998:5)

Foram utilizados os testes "Pensando Criativamente com Figuras" e "Pensando Criativamente com Palavras", criados por Torrance (1966, 1990). Os testes nacionais, foram denominados "Estilos de Pensar e Criar" e "Adjetivos auto-descritores".

Em Portugal, surge a bateria de Provas de Raciocínio Diferencial, de Ribeiro e Almeida (1992), onde incluem provas de pensamento divergente: numérico, espacial, verbal, figurativo-abstrato (Bahia, 2005).

Em 2001, Morais apresenta um estudo centrado nas relações entre variáveis cognitivas e desempenho criativo.

Tal como nos refere Bahia (2005: 335), "a razão pela qual se avalia a criatividade não se resume à identificação dos criativos, porque, por si só, uma avaliação da criatividade não basta. É necessário incluir não só outro tipo de avaliação das funções cognitivas, mas também incluir auto avaliação".

Para que se caminhe num sentido diferente, é necessário existir uma relação diferente com o saber, uma mudança de mentalidades que envolva a globalidade dos intervenientes no processo, procurando desta forma um desenvolvimento pleno e agradável, onde o aluno seja capaz de se situar e problematizar as questões que pretende resolver e não se limite a repetir as soluções que lhe são apresentadas para resolver problemas de forma predefinida e pré-formalizada.

## **CONCLUSÕES**

Após a análise realizada sobre a criatividade, não encontramos nenhuma proposta para a avaliar na Educação Física.

Pensamos ser urgente encontrar mecanismos para a avaliar, uma vez que esta se encontra contemplada nos programas desta disciplina e na Lei de Bases do Sistema Educativo. Sendo que se não o fizermos, dificilmente poderemos saber se a estamos a solicitar e induzir.

Temos consciência que para que isso aconteça, é necessário identificar variáveis e respetivos indicadores que nos permitam rentabilizar o diagnóstico, a prescrição e o controlo do processo pedagógico. A título de exemplo, poderíamos considerar, o número de indivíduos envolvidos, o que cada um faz, a distância entre eles, a dinâmica implementada, os deslocamentos utilizados, os passos, os gestos, os saltos, os contactos, a expressividade, a capacidade de atuação, a compreensão do movimento e a sua articulação. Não esquecendo que temos de ter sempre em consideração quais os objetivos mediatos e imediatos que se procuram alcançar.

Este poderá ser um trabalho a realizar futuramente porquanto será muito relevante para a educação.

Em síntese, os problemas que hoje enfrentamos na educação, ou numa perspectiva de operacionalização no sistema educativo, parecem necessitar de respostas em diferentes vertentes, coerentes e exequíveis.

Neste artigo ao analisarmos a criatividade, constatámos que se estabelecem diferentes concepções para a mesma, dando-le assim uma natureza interdisciplinar.

Constatámos ainda a criatividade está muito relacionada com o estímulo e que, assim sendo, o professor tem um papel fundamental nesse processo pois a sua função já não é a de transmissor de conhecimento mas sim um catalisador de processos. Porém, para assumir este papel é necessário dominar um conhecimento e um conjunto de instrumentos que possibilitem exercer essas funções.

É a compreensão e explicação dos fenómenos nos seus aspetos funcionais, que permite uma atuação consciente sobre eles e ao nível da sua utilização.

É fundamental que o processo pedagógico seja concebido e pensado de modo a compreender as implicações que as situações idealizadas têm na formação dos indivíduos. É ainda necessário saber quais as capacidades susceptíveis de desenvolver e controlar os processos utilizando meios expeditos, para que se rentabilize de forma sustentada o investimento na educação. Daí a importância de se conseguir avaliar os processos.

Como nos referem Almada et al. (2008: 236), a capacidade do educador “não está em utilizar modelos cada vez mais pormenorizadas, mais precisos ou até mais rigorosos, mas sim na importância e no valor dos fenómenos que é capaz de abraçar, nas reações que consegue despoletar e da forma como estas reações vão contribuir para o desenvolvimento das capacidades e potencialidades do educando”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amabile, M. (1983). *The social psychology of creativity*. Nova Iorque: Springe-Verlag.
- Alencar, E. (1995). *Criatividade*. 2ª. Ed. Brasília: Editora UnB.
- Alencar, E. (1996). “A medida da criatividade”. In L. Pasquali (Org). *Teorias e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília: INEP.
- Alencar, E. (2007). *Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 23. Brasília.
- Almada, F. et al. (2008). *A Rotura – A Sistemática das Actividades Desportivas*. Torres Novas: Edição VML.
- Bahia, S. (2005). *Entre a teoria e a prática da criatividade*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- Collins, M. & Amabile, T. (1999). “Motivation and creativity”. In R. Sternberg (Org.), *Handbook of creativity* (297-312). New York: Cambridge University Press.
- Cropley, A. (1997). *Fostering creativity in the classroom: general principles*. Creskill: Hamplon Press.
- Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., & Prudente, J. (2010). “O Desporto como fator de desenvolvimento regional, o caso concreto da RAM- compreender o instrumento desporto”. In *16º Congresso da APDR* (210-228). Funchal: Universidade da Madeira.

- Freud, S. (1958). "The relation of the poet to daydreaming". In S. Freud. *Creativity and the unconscious*. New York: Harper & How.
- Ghiselin, B. (1952). *The creative process*. Berkeley: University of California Press.
- Kneller, G. (1973). *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: IBRASA.
- Lopes, H., Fernando, C., Vicente, A., & Prudente, J. (2010). "A função do docente de Educação Física". In A. Albuquerque, *Educação Física, Desporto e Lazer- Perspetivas Luso-Brasileiras*. Maia: ISMAI.
- Lowenfeld, V. (1970.). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas*. Ministério da Educação, 4ª Edição.
- Nakano, T. (2005). "Pesquisa em criatividade: análise da produção científica do banco de teses da Capes (1996-2001)". In G. Witter. *Metaciência e Psicologia*. Campinas: Editora Alínea.
- Nakano, T. & Wechsler, S. (2006). "Teste Brasileiro de Criatividade Figural: proposta de instrumento". In *Revista Interamericana de Psicologia*, 40 (1), 103-110.
- Nakano, T. (2006). *Teste brasileiro de criatividade infantil: Normatização de instrumento no ensino fundamental*. Dissertação de doutoramento. (policopiada). PUC-Campinas, Campinas.
- Novaes, M. (1977). *Psicologia da criatividade*. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes.
- Saunders, R. (1984). *A educação criadora nas artes*. São Paulo: AR'TE, V.3.
- Sternberg, R. (1985). *Beyond IQ: a triarchic theory of human intelligence*. New-York : Cambridge University Press.
- Skinner, B. (1953). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. (1968). *The technology of teaching*. New York: Appleton-Century- Crofts.
- Skinner, B. (1970). "Creating the creative artist". In B. Skinner (Org). *Cumulative records: A selection of papers – Third edition (1972)*. New York: Appleton- Century-Crofts.
- Torrance, E. (1965). *Rewarding creative behavior*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Torrance, E. (1976). *Criatividade: medidas, testes e avaliações*. São Paulo: IBRASA.
- Torrance, E. & Safter, H. (1999). *Making the creative leap beyond*. Buffalo, NY: Creative Education Foundation.
- Wechsler, S. (1998). *Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária*. Psicol. Esc. Educ. (Impr.). vol.2, nº 2 Campinas.
- Wechsler, S. (2002). *Avaliação da criatividade por figures e palavras: Testes de Torrance*. Campinas: Impressão Digital do Brasil Gráfica.
- Wechsler, S.M., e Nakano, T.C. (2002). Caminhos para a avaliação da criatividade: perspectiva brasileira. Em R. Primi. (2002). *Temas em Avaliação Psicológica*. (pp.103-115). São Paulo: Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica.
- Yau, C. (1995). *Qualitative research in creativity*. Buffalo, New York: Creative Education Foundation Press.

## LEGISLAÇÃO

Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), alterada pelas Leis n.ºs 115/97, de 19 de setembro, e 49/2005, de 30 de agosto.